

# Editorial

Felipe Azevedo e Souza\*

David Patrício Lacerda\*\*

María Verónica Secreto\*\*\*

Paulo Fontes\*\*\*\*

Beatriz Mamigonian\*\*\*\*\*

Aldrin Castellucci\*\*\*\*\*

**E**M 2018, Rossana Barragán e David Mayer sistematizaram o percurso da História Social do Trabalho na América Latina e no Caribe. Ao considerarem que “uma das principais aspirações da História Global do Trabalho é incluir todos os grupos de trabalhadores na análise histórica”, Barragán e Mayer destacaram o pioneirismo dos estudos realizados no e sobre o Brasil e o seu impacto na renovação desse campo nos seguintes termos:

[...] a combinação da história da escravidão com o estudo dos trabalhadores industriais, a fim de criar uma História do Trabalho renovada foi experimentada no Brasil muito antes do que em outras partes do mundo e foi institucionalizada em 2000 com a fundação do GT Mundos do Trabalho dando lugar a uma das mais versáteis historiografias do trabalho.<sup>1</sup>

O reconhecimento de ambos à contribuição da historiografia brasileira para o campo da História Social do Trabalho remete à criação do GT Mundos do Trabalho e, em particular, ao filão de investigações que buscaram aproximar histórias da escravidão e do trabalho livre e industrial, um esforço combinado e atento ao circuito mais amplo de debates e iniciativas transnacionais de interlocução acadêmica.<sup>2</sup> Um balanço historiográfico escrito por John

---

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: felipeazv@puc-rio.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6232-3273>. \*\*Projeto Memória do Ativismo Afro-Brasileiro, Núcleo Afro-Cebrap. E-mail: [davplacerda@gmail.com](mailto:davplacerda@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0223-9683>. \*\*\*Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [mvsecreto@yahoo.com](mailto:mvsecreto@yahoo.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3403-4810>. \*\*\*\*Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [pfontes@mandic.com.br](mailto:pfontes@mandic.com.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9277-6193>. \*\*\*\*\*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [bgmamigo.ufsc@gmail.com](mailto:bgmamigo.ufsc@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3871-9312>. \*\*\*\*\*Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [aldrin.castellucci@gmail.com](mailto:aldrin.castellucci@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0957-5479>.

1 BARRAGÁN, Rossana; MAYER, David. Latin America and the Caribbean. In: HOFMEESTER, Karin; LINDEN, Marcel van der (org.). **Handbook The Global History of Work**. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 83.

2 Para reflexões sistematizadas sobre o percurso da História Global do Trabalho, com especial ênfase no papel da historiografia brasileira, ver: FONTES, Paulo; FORTES, Alexandre; MAYER, David. Brazilian Labour History in Global Context: Some Introductory Notes. **International Review of Social History**, 62(S25), 1-22, 2017.

Monteiro é exemplar nesse sentido. Publicado em 2006, o texto de Monteiro recupera estudos a respeito da variedade de sistemas laborais nos diferentes contextos da América colonial. A ênfase na agência social, segundo aponta, abriu novos caminhos de pesquisa na medida em que lançou “sérias dúvidas sobre o determinismo histórico do capitalismo comercial e do Estado colonial para aproveitar eficazmente a força de trabalho das economias indígenas”. Ou seja, o conhecimento das formas, do funcionamento e da extensão das cadeias produtivas e mercantis coloniais passava pela compreensão das estratégias subalternas de resistência e sobrevivência, além dos saberes tecnológicos e as formas de organização do trabalho dos subalternos que foram adaptadas e aproveitadas nos empreendimentos coloniais. Ademais, Monteiro apontou questões à época em curso entre praticantes da chamada História Global do Trabalho ao destacar o acúmulo de estudos na região voltados para “aproximações de trabalho assalariado, arrendamento, acordos de partilha e crédito de dívida, trabalho forçado e escravatura, num único processo produtivo”, abalando, assim, a força explicativa de modelos que partiam “de uma sequência linear e evolutiva desde as primeiras formas de serviço obrigatório até um mercado de trabalho assalariado de pleno direito”.<sup>3</sup>

Desde então, os temas e debates indicados por Monteiro não perderam seu ímpeto, ainda são apresentados em publicações no Norte Global como dotados de sopro renovador.<sup>4</sup> Sua importância pode ser observada na presente edição da *Revista Mundos do Trabalho*, que é também prova da vitalidade do campo e do projeto editorial que o circunscreve e o desenvolve criticamente há quase 15 anos. Afinal, leitoras e leitores decerto reconhecerão o expressivo e eloquente conjunto da produção continental aqui reunida sob a forma de artigos e de resenhas.

O dossiê *Vivendo nas minas: mineração e mundos do trabalho nos séculos xv-xviii*, organizado por Crislayne Alfagali e Fidel Rodríguez Velásquez, trata da multiplicidade de sistemas laborais nas Américas. Os artigos versam, de modo original, sobre espaços situados nas regiões mineradoras do Brasil (Mariana-MG, Distrito Diamantino-MG, Santo Antônio da Jacobina-BA), Bolívia (Potosí) e México (Pachuca e Zimapán). A reconstituição da diversidade de sistemas laborais na mineração praticada nessas áreas orienta-se por abordagens que guardam em comum a preocupação com as culturas das trabalhadoras e dos trabalhadores, e o papel que desempenharam no contencioso universo das relações de produção. Tal ênfase diz algo dos diálogos dos historiadores do trabalho com a

---

LIMA, Henrique Espada. História Global do Trabalho: um olhar desde o Brasil. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 59-70, 2019. WEINSTEIN, Barbara. Globalizando a História do Trabalho: o caso da revista Internacional Labor and Working-Class History. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 11-23, 2018.

3 MONTEIRO, John. Labour Systems. In: BULMER-THOMAS, Victor; COATSWORTH, John H.; CONDE, Roberto Cortés (org.). *The Cambridge Economic History of Latin America*. v. 1: The Colonial Era and the Short Nineteenth Century. Cambridge: 2006. pp. 185-234.

4 Ver, por exemplo: LINDEN, Marcel van der. *The World Wide Web of Work: A history in the making*. Londres: UCL Press, 2023. DE VITO, Christian G.; GERRITSEN, Anne. Micro-Spatial Histories of Labour: Towards a New Global History. In: DE VITO, Christian G.; GERRITSEN, Anne (org.). *Micro-Spatial Histories of Global Labour*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

Antropologia e a contribuição de seus procedimentos metodológicos para o aprofundamento das dinâmicas simbólicas e culturais da vida dos trabalhadores dentro e fora de fábricas e senzalas, oficinas e fazendas.<sup>5</sup>

Por outro lado, o dossiê *Relações raciais e racismo nos mundos do trabalho*, organizado por Paulo Cruz Terra e Robério Souza, analisa histórias de trabalhadoras e trabalhadores em sintonia com a produção acadêmica recente, situada no campo da História Social do Trabalho, que há algum tempo vem se ocupando do exame das intersecções de raça, gênero, sexualidade e etnia que atravessam as experiências de classe.<sup>6</sup> A perspectiva do dossiê pode ser notada na maneira particular e original como os artigos encaram a problemática que os aproxima. Os conflitos étnico-raciais envolvendo trabalhadores e trabalhadoras negros foram marcados por maneiras de significar e politizar diferenças e desigualdades raciais, tanto no período escravista quanto no pós-abolição. Os artigos, cada qual ao seu modo, buscam capturar e descobrir como tudo isso operava e constituía dinâmicas partidárias, festivas, religiosas, de ajuda mútua, de ativismo negro, e delineava os sentidos de trajetórias profissionais, das lutas pelo direito ao salário via indenização, da ficção literária e da atuação da imprensa no espaço público.

Já a seção livre reúne nove artigos que agregam à presente edição excelente variedade de enquadramentos analíticos, recortes e conexões espaciais, agentes e grupos sociais. As múltiplas abordagens e a variedade de temas presentes nesta seção não manifestam dispersão, pelo contrário, indicam preocupações comuns e revelam a consolidação das tendências historiográficas ora mencionadas nesta apresentação. São, ademais, pesquisas que revelam o engajamento do campo em torno de reflexões que guardam plena interlocução com questões candentes da agenda social da vida dos trabalhadores nos dias de hoje, como: o protesto coletivo e a radicalidade enquanto forma de ação política, a mobilização coletiva pela consolidação de direitos e as iniciativas de solidariedade de classe diante da precariedade das condições materiais ontem e hoje.

Abre a seção livre o artigo *Piratas, anamitas e traficâncias: um estudo sobre o engajamento de trabalhadores na Macau oitocentista*, escrito por Paulo Cesar Gonçalves. O texto aborda um dos momentos mais delicados da disputa por controle de mão de obra nas áreas coloniais do Atlântico e do Índico no século XIX. Mobilizando o repertório da História Global do Trabalho, Gonçalves apresenta como o caso de um grupo de anamitas

5 Para uma síntese das trocas intelectuais que marcaram o diálogo interdisciplinar entre a História Social do Trabalho e a Antropologia, ver a apresentação escrita por Robert Slenes ao livro de Hebe Mattos, em: MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Brasil escravista (Brasil, século XIX). 3ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. pp. 15-25. Para um paradigmático estudo de caso analisando um contexto industrial, ver: LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Editora Marco Zero/Editora da Universidade de Brasília, 1988.

6 Entre outros, ver, por exemplo: SCHMIDT, Benito Bisso. Complexificando a interseccionalidade: perspectivas *queer* sobre o mundo do trabalho. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 31-41, 2019. Dossiê: Beatriz Ana Loner: Mundos do Trabalho e Pós-Abolição. *In: Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 11, 2019. Dossiê: Perspectivas de gênero nos mundos do trabalho. *In: Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2009. Dossiê: Trabalho, política e experiências indígenas. *In: Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 6, n. 12, 2014.

sequestrados e postos à venda por piratas chineses para agentes de emigração em Macau mobilizou um amplo debate internacional acerca das formas de mercantilização da força de trabalho. Através de um ângulo nodal dos circuitos mercantis na Ásia, o artigo tem o mérito de abordar problemáticas de grande escala sobre o tráfico de trabalhadores engajados, pretensamente livres e voluntários, vulneráveis à cobiça e rivalidade de agentes imperiais portugueses, chineses, ingleses e franceses.

Ainda tratando de arranjos de trabalho no XIX, o artigo *Terra, trabalho e cidadania indígena no contexto constitucional português no Ceará (1821-1822)*, de João Paulo Peixoto Costa, examina os projetos em disputa em torno da regulação da cidadania de povos indígenas no processo político inaugurado pelas Cortes de Lisboa. A originalidade desse estudo passa pela capacidade do autor em articular em pé de igualdade os planos que os portugueses apresentaram para tutelar os indígenas e os projetos que os próprios indígenas, no Ceará, apresentaram (por escrito) para demandar autonomia sobre seus territórios e mão de obra. O tópico em questão é particularmente cativante por ampliar o conhecimento sobre a diversidade da atuação e protagonismo indígena nas tramas que levaram à Independência do Brasil.

A tradição de rebeldia dos trabalhadores negros da cidade de Salvador é atualizada com *Cotidiano urbano e rebeldia popular nas origens do Quebra-Bondes (Salvador, 1926-1930)*, escrito por Jonas Brito. Partindo de um evento limite, quando um motim irrompeu em protesto contra os serviços de transporte urbano, Brito desenvolve uma cartografia detalhada dos serviços públicos e da precariedade cotidiana vivida pela classe trabalhadora em suas condições de moradia, acesso a saneamento, abastecimento, transporte, energia e, em menor grau, comunicação na capital baiana das primeiras décadas do século XX. Esses aspectos são relacionados aos diuturnos protestos da população que, ao longo da narrativa, são fiados pelo autor em elaboração de uma bem tramada perspectiva processual que dota de complexidade a eclosão do radical Quebra-Bondes de 1930. Autêntico estudo de história urbana *from below*.

Dois artigos abordam o fenômeno da precariedade das condições de trabalho e do pauperismo de nossos dias a partir de estratégias coletivas de enfrentamento protagonizadas por trabalhadores, sindicatos e movimentos sociais. Em *Pandemia, trabalho em frigoríficos e cultura de direitos*, Clarice Gontarski Speranza revisita o conceito de “cultura de direitos” em meio à recente conjuntura caracterizada pela precarização do trabalho acelerada pela reforma trabalhista, a desindustrialização e ascensão da informalidade no Brasil. Em um cenário político extremamente desfavorável aos trabalhadores, Speranza volta sua análise à compreensão das articulações entre sindicatos e o Ministério Público do Trabalho em favor da proteção dos trabalhadores de frigoríficos durante a pandemia de covid-19. Já o estudo de Denise De Sordi, *Cozinhas Solidárias do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST): solidariedade e reconstrução da esfera*

*pública (2021-2022)*, analisa como o retorno do Brasil ao Mapa da Fome levou o MTST a ampliar sua abrangência de atuação para além da questão da moradia. O projeto das Cozinhas Solidárias criou uma rede de articulação nacional entre movimentos no campo e na cidade, pautando o urgente debate sobre segurança alimentar no país. Em ampla pesquisa de campo, De Sordi apresenta as perspectivas dos próprios militantes, voluntários e pessoas atendidas pelo programa, e elabora uma interpretação que possui interlocução com o artigo de Speranza ao situar o “alcance que há em cada uma destas mobilizações e ações em sua enunciação como sujeitos coletivos de direitos”. Em meio ao processo de editoração do texto de Denise De Sordi, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o projeto de lei que criou o novo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) que contempla o Programa Nacional de Cozinhas Solidárias.

Voltando aos tempos da agitada Primeira República, o artigo *“Devemos contentar-nos com fazer uma revolução o mais nossa que seja possível”: trabalhadores na Revolta de 1924 em São Paulo*, escrito por Maria Clara Spada de Castro, analisa o envolvimento de civis, com especial atenção ao movimento operário organizado, na revolta que deixou a capital paulista sobressaltada por quase um mês. O texto evidencia que o levante resguarda sentidos e motivações que vão muito além do tradicional enfoque que o classifica como uma manifestação do tenentismo. Ocorrido em um ano marcado por várias greves em São Paulo, os conflitos mobilizaram enorme contingente de trabalhadores e militantes comunistas e anarquistas que propunham um programa particular de lutas baseado no estabelecimento de amplo leque de direitos trabalhistas e sociais. Tratando do truculento rescaldo da revolta, o artigo também aponta contribuições importantes para a compreensão da estruturação do aparato repressivo do Estado que ganhou força no governo de Arthur Bernardes (1922-1926).

Os artigos de Juan Pedro Massano e de Fernando Sarti Ferreira deslocam a atenção do público leitor para a Argentina do século xx. O primeiro explora as relações entre sindicatos e Estado no artigo *El intento de reforma del subsistema de obras sociales sindicales argentino de 1985-1986*. Massano narra como a depreciação dos serviços públicos e as políticas de austeridade marcaram o processo de redemocratização argentina após o caos econômico legado por sucessivos governos militares. O governo de Raúl Alfonsín promoveu a privatização e o desmonte do Seguro Nacional de Saúde (SNS), projeto que foi alvo da queda de braços entre sindicatos e reformadores neoliberais e terminou embargado, assinalando a vitória dos primeiros. O segundo artigo, *A ciência a favor do capital: a reestruturação produtiva na indústria argentina sob a ótica do La Protesta, 1924-1930*, trata de outro episódio elucidativo da força dos setores sindicais naquele país. Ferreira analisa minuciosamente ideias e conflitos decorrentes da implantação de novos métodos de organização do trabalho fabril na década de 1920. Ao focar os debates veiculados no jornal *La Protesta*, o autor se lança à compreensão dos dissensos e alianças

envolvendo as correntes do movimento operário face ao processo de industrialização argentina, bem como examina as agitações grevistas em 1929 na moderna linha de montagem da General Motors.

O artigo escrito por Raimundo Nonato Pereira Moreira, “*Um bando de homens perdidos que em seu delírio desconhecera Deus, a pátria, a família e a propriedade*”: representações da Comuna de Paris nos debates parlamentares brasileiros de 1871, encerra a seção livre. O texto, resultado de investigação nos anais do parlamento imperial brasileiro, indica o interessante cruzamento das repercussões da Comuna de Paris com os debates que levariam à aprovação da Lei do Ventre Livre. O autor mostra que na retórica dos parlamentares brasileiros havia o medo de que os levantes dos de baixo na Europa despertassem levantes dos de baixo aqui no Brasil. O que talvez possa ser considerado como um primeiro registro da insólita longa tradição de manifestações comunistas.

Outras duas seções desta edição buscam difundir e estimular discussões entre os pares sobre as novidades editoriais do campo da História Social do Trabalho. A seção especial de debates, dedicada ao último livro de John D. French, *Lula e a política da astúcia: de metalúrgico a presidente do Brasil (2022)*, conta com intervenções críticas de José Sérgio Leite Lopes, Maud Chirio e Murilo Leal Pereira Neto, e a resposta do próprio French. Por fim, a edição traz um expressivo conjunto de resenhas em português, inglês e espanhol, com o firme propósito de impulsionar diálogos entre autores e publicações estrangeiras, e ampliar o espectro de leitores.

\*\*\*

A EDIÇÃO ORA CONCLUÍDA é resultado do trabalho e da dedicação da nova equipe editorial. Em conformidade com a resolução da última assembleia geral da Associação Nacional de História do Trabalho (ANAHT), a equipe agora é formada por: Felipe Azevedo e Souza, editor-chefe, David Patrício Lacerda e María Verónica Secreto são editores adjuntos. Uma nova editoria de resenhas foi criada e é ocupada por Paulo Fontes, que formulou a proposta e organizou a seção de debates nessa edição, e Beatriz Mamigonian. Por fim, Aldrin Castellucci, que passa a desempenhar o papel de editor sênior, a quem agradecemos o esmerado empenho, criatividade e excelência devotados à revista nos últimos anos. Enquanto editor-chefe, Castellucci promoveu a expansão e a liderança da revista no campo e teve seu trabalho reconhecido pela ampliação do alcance internacional com sua inclusão em bases indexadoras nacionais e estrangeiras. Nesse período, *Mundos do Trabalho* recebeu a avaliação máxima (A1) na área de História do sistema brasileiro de avaliação de periódicos Qualis/CAPES.

A equipe editorial agradece ao valioso trabalho voluntário desempenhado com rigor e generosidade por pareceristas, e também a autores e autoras que submeteram suas pesquisas originais ao nosso periódico. Nesta edição, contamos com os fundamentais



aportes de recursos oriundos do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), da Associação Nacional de História do Trabalho (ANAHT), além do apoio operacional do Portal de Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a quem registramos nossos sinceros agradecimentos.

\*\*\*

ESTÁ DISPONÍVEL no site da revista a chamada de artigos para os dossiês do próximo número da revista, v. 16, 2024: o dossiê *Afro-Américas: raça, trabalho e direitos*, sob organização de Iacy Mata (UFBA), Ynaê Lopes (UFF) e Waldomiro Lourenço da Silva Júnior (UFSC), e o dossiê *O trabalho do meio ambiente e o meio ambiente do trabalho*, organizado por Lise Sedrez (UFRJ) e Thomas D. Rogers (Emory University). Lembramos que a próxima edição celebrará os 15 anos de fundação da revista, marco importante para refletirmos sobre o papel estratégico do periódico na articulação de uma ampla comunidade acadêmica que produz ciência aberta e profundamente comprometida com as boas práticas editoriais. Ainda para o ano de 2024, teremos encontro marcado no *VIII Seminário Internacional Mundos do Trabalho — XII Jornada Nacional de História do Trabalho*, que irá ocorrer na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, entre os dias 8 e 11 de outubro.

\*\*\*

DEDICAMOS A PRESENTE edição da *Revista Mundos do Trabalho* à memória de Ana Paula Palamartchuk. Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e pesquisadora destacada da Associação Nacional de História do Trabalho, Palamartchuk deixa um inspirador legado de atuação acadêmica que alia combatividade política, rigor intelectual e compromisso com a formação das novas gerações de pesquisadoras e pesquisadores engajados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.